



Tema:
**"OS DESAFIOS DA INTERNACIONALIZAÇÃO
NA UNIMEP"**



11º UNICULT - VII Concurso de Contos e Crônicas

COLUNA SOCIAL

Autor(es)

MÁRCIA BARBOSA DE SOUZA

Contos / Cricas

Casinha simples, três cômodos apenas, chão de vermelhão, poucos móveis, uma cama, um guarda-roupa, mesa com quatro cadeiras, geladeira e um fogão. Humilde, mas muito limpa e organizada. O vermelhão encerado era cristalino espelho a refletir o teto descascado pelo tempo, denunciava que a moradora era exímia dona de casa. Herdara a casa de sua mãe, que tão cedo a deixou, vítima de um atropelamento. Ficou traumatizada, a pobre. O pai ela nunca conheceu.

O jornal acabara de chegar. Sentada na cadeira, cotovelo sobre a mesa, mão direita segurando o queixo, Lúcia contemplava pensativa a coluna social.

Na xícara, o café passado na hora esfumava, exalando um aroma muito agradável.

Lembrava-se do último encontro, dos beijos apaixonados, das carícias, da paixão alucinante que tornava pequeno aquele quarto de motel.

Palavras lindas, palavras doces. O coração disparava ao recordar suas promessas como um pássaro fugidio que procura pelo ninho. Como a mina de um aquífero que brota na montanha era ela a esperar. Ela era o seu Oásis.

Ah! Que doces palavras! Onda espumante que varre a areia da praia. Como eram vivas essas palavras. Palavras que a envolveram e seduziram... como em sua infância com tio Xande...

Filha de faxineira, sua mãe saía muito cedo para trabalhar. A vizinha Dolores era a incumbida de cuidar da menina; não o fazia de graça, mas sim, por uns trocados no final do mês, que advinham do labor das faxinas de Cleusa.

Dolores tinha um filho, Alexandre, rapaz bem apanhado, bonito, as moças do bairro andavam suspirando por ele e disputando-o a tapas; trabalhava à noite como garçom em um boteco requintado. Tio Xande, como Lúcia o chamava, sempre lhe trazia balas e doces, brincava com ela, fazia gracejos; dizia que era a menina mais linda e inteligente que ele conhecia. Os elogios deixavam Lúcia orgulhosa e feliz. Na sua inocência amava tio Xande.

Brincava sozinha, a mãe não lhe deixava frequentar a casa de outras crianças. Cuidado excessivo talvez. Tinha só uma boneca descabelada e velha, já estava ficando mocinha como dizia sua mãe, mas gostava ainda de brincar, e sonhava com uma boneca de cabelos longos, corpo de manequim, dessas com vestidos variados e modernos que via nas lojas de departamento. Quando fosse moça, queria ser linda como aquelas bonecas e vestir-se elegantemente e na moda como elas. Não seria faxineira como sua mãe. Haveria de estudar. A qualquer custo mudaria de vida. Teria de ser diferente ou quem sabe, arrumaria um marido bem rico e de família tradicional. Poderia frequentar os melhores restaurantes da cidade, os melhores salões de beleza. Teria uma empregada, uma casa enorme, os filhos estudariam nas melhores escolas e teriam muitos brinquedos, todos que quisessem...

Certa tarde, tia Dolores precisou ir ao médico, Lúcia ficou sozinha em casa, quando Alexandre chegou com um embrulho

colorido envolto em uma fita rosa...

_ Que é isso tio Xande?

Perguntou extasiada e entorpecida pelo encanto do pacote.

_ Uma surpresinha para você meu docinho!

Mal pôde esperar... Tratou logo de rasgar o embrulho. Era a boneca dos seus sonhos, a tão desejada boneca.

_ Não vai agradecer ao titio?

Alexandre lhe pediu um beijo apontando a boca. Sem hesitar, Lúcia obedeceu. Então a beijou longamente apertando-a forte em seus braços. Sua respiração era ofegante e contínua, Lúcia nada entendia. Foi passando a mão em seus cabelos em seu corpo todo, abraçando-a... Tirou seu vestido, sua calcinha... Continuou com as carícias cada vez mais intensas... Desafivelou o cinto, desabotoou a calça jeans, abaixou a cueca, e...

Depois de um mês foi-se embora tentar a sorte na Capital. Foi como a neblina funesta, que aparece por pouco e logo dissipa. Esse foi o amor que Lúcia conheceu ainda na infância.

Nunca namorou; não queria homem nenhum... Até conhecer o Ricardo, um empresário quarentão, bem sucedido no ramo de pavimentação e terraplanagem. Na época, ela trabalhava como telemarketing vendendo curso de inglês, não vendia coisa alguma, mas foi assim que o conheceu, tentando vender um curso de inglês para ele.

Ainda não tinha entrado em um restaurante, ainda mais como aquele. Era uma churrascaria. Não sabia o que fazer, desajeitada, desenhava círculos na mesa, esfregava o dedo no copo gelado de refrigerante, olhava para os lados, para cima, para baixo, as palavras não vinham. Nada para conversar, não tinha assunto. Ricardo tomava chop.

Depois de um tempo arriscou:

_ Lugar muito bonito esse! Você vem sempre aqui?

_ Algumas vezes... Um gole no chop, deixando um bigode de espuma na boca.

O gordo sentado na frete, com o cofrinho à mostra, comia feito porco, afundava-se no prato, não dispensava um só pedaço de carne. Já a madame ao lado, fazia pouco de tudo, parecia de nada gostar, nada lhe agradava, talvez não quisesse engordar...

Quando a cabeça não pensa, o tempo demora passar...

_ Você gosta de churrasco?

_ Nem sempre. Envolvendo-a com os braços a beijou.

Desde então, nada mais importava no seu pequeno e íntimo universo interior. Apenas o sentimento nu e sincero de sentir-se amada e desejada. Vieram outros jantares, algum troco para comprar roupas, sapatos, já podia cuidar do cabelo e das unhas... A ambição engoliu a razão, e quando a cabeça não pensa, o corpo fica sem direção...

Na exuberância de seus vinte e um anos, morena jambo, olhos cor de mel, detentores de um encanto cigano, lábios carnudos, cabelos pretos e lisos que serpenteavam por suas costas até a cintura. Moça espantosamente bela, com face de invejar aos anjos, contudo vagarosa de mente, o pensamento parecia não pousar...

Ficara assim, a esperar pelo príncipe em sua carruagem branca que iria lhe surpreender com uma coroa, lhe amaria em sua tristeza, e um dia por fim, lhe daria um nome. O pensamento infantil de gata borralheira decolou e foi pousar na terra do nunca...

Como todos nós sabemos que o príncipe vira sapo... E isso é só mais um clichê, então, voltemos ao jornal...

Ali estava o seu amor, o seu sonho, a esperança de um futuro melhor. Os encontros...

Lembrava de cada detalhe, a proposta, o dinheiro, o rompimento por telefone, como se descarta um vendedor inconveniente.

Ali estava o seu amor... A razão de sua vida, agora, estampado em uma página de jornal, de braços dados com a esposa pousando para a sociedade com pinta de bom marido, dedicado marido, digno e honrado esposo.

Em sua barriga, pobre moça, um rebento que jamais conheceria seu pai, nem se quer o seu sobrenome famoso haveria de ter.

Um broto que desponta como prova verdadeira de um relacionamento adúltero. Desabrochando para descortinar o sacramento.

Um fruto proibido, repugnado e bastardo buscando um espaço no mundo; pedindo a chance de viver; suplicando por sua vez de existir.

Contemplando a fotografia glamourosa do casal, Lúcia entornara a xícara para beber o último gole do café. Olhava para a marca de bolor no teto provocada por uma goteira. A casa agora era corredor escuro. Com a mão em seu ventre, uma lágrima lhe desnudava. Na lágrima flutuava a carícia desse homem... Pensava em sua única herança, a paga pelos carinhos prestados. Tanto amor... Tanta dedicação... Tanta aniquilação...

Seu filho.